

## Um olhar para a diversidade em “Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar”

Pablo de Oliveira Lopes<sup>1</sup>

**Resumo:** Reconhecer a pluralidade e, por consequência, as diferenças que fazem das pessoas seres únicos é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e tolerante. E essa transformação social envolve, obviamente, os serviços de saúde e o atendimento às pessoas LGBTQIA+. Em *Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar*, são discutidos os aspectos do cuidado à saúde integral da população LGBTQIA+, como: anamnese e exame físico; abordagem familiar; saúde sexual e reprodutiva; saúde mental; a transição de gênero; e o ensino médico. O livro trata de temas relevantes para esse grupo populacional, estabelecendo conexões com a cultura, o Direito, a Bioética e a religião.

**Palavras-chave:** Cuidado transdisciplinar. Diversidade. Saúde LGBTQIA+.

*Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar* começa com uma curiosidade: na página em que são apresentados(as) os(as) editores(as) do livro, um minicurrículo de cada um(a) é exposto; contudo, não constam apenas dados como os cursos de graduação que cursaram ou os lugares onde exercem suas atividades profissionais. Não. Nessa resumida ficha corrida, a primeira informação diz respeito à identidade de gênero, à orientação sexual e à raça dos profissionais: “Saulo Vito Ciasca, homem branco, cis e gay. Ademir Lopes Junior, homem branco, cis e gay. Andrea Hercowitz, mulher branca, cis, hétero, tem 2 filhos LGBT”. No caso da pediatra, ainda se acrescenta o fato de ela ser mãe de pessoas pertencentes a um grupo populacional minoritário,<sup>2</sup> justamente o LGBTQIAPN+.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6779-2263>. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0358798277680554>. E-mail: [lopespo33@gmail.com](mailto:lopespo33@gmail.com).

<sup>2</sup> Segundo o dicionário Oxford, minoria é um subgrupo existente dentro de uma sociedade, que se considera e/ou é considerado diferente do grupo maior e/ou dominante, em razão de características étnicas, religiosas,

Os detalhes biográficos relativos à sexualidade e ao gênero denotam a relevância que se atribui a esses aspectos, a começar pelos responsáveis pela elaboração do livro. Considerados cruciais para a constituição da identidade dos indivíduos, tais elementos também aparecem nas descrições de diversos outros autores. É o que se vê, por exemplo, no caso de Alexander Salcedo Ballestrin, apontado como ativista intersexo, pessoa trans masculina, bissexual, branca e defensor dos Direitos Humanos.

A obra conta com 569 páginas, 140 autores (incluindo os 3 editores) e é dividida em 11 seções. Na seção I, as histórias de estudantes, profissionais de saúde e usuários LGBTQIA+ servem para identificar as necessidades de saúde dessas pessoas e proporcionar cuidado humanizado. Na seção II, estão as definições de sexualidade, práticas sexuais, gênero e identidade de gênero, entre outras, além das relações desses conceitos com a cultura, a religião e os marcadores sociais da diferença (classe social e raça, por exemplo). A seção III contempla as informações demográficas sobre pessoas LGBTQIA+, os entraves por elas encontrados no acesso ao sistema de saúde, as políticas de saúde e a participação do Movimento LGBT na criação da Política Nacional de Saúde Integral LGBT e as situações de discriminação e violência sofridas pela população LGBTQIAPN+ nos serviços de saúde e nas instituições de ensino. Já a seção IV é aquela em que as diferentes fases da vida das pessoas LGBTQIAPN+ são retratadas: trata-se da infância e da adolescência, da revelação pública da orientação sexual e/ou da identidade de gênero, de uma possível transição de gênero e do envelhecimento.

Na seção V, encontramos como serviços, espaços e profissionais precisam se preparar para receber, atender e acolher pessoas LGBTQIAPN+. Na sequência, a seção VI aborda as especificidades do cuidado à saúde de cada integrante dessa população, detalhando as particularidades de indivíduos cis, trans, não binários, intersexo e assexuais. A seção VII apresenta explicações acerca da saúde sexual e reprodutiva das pessoas LGBTQIAPN+, o que exige lidar com contracepção, prática de sexo anal e uso de acessórios sexuais. Nessa parte do livro, há reflexões sobre dupla penetração, *fisting*, uso de objetos eróticos, estimulação sexual e prazer individual e compartilhado. Passando

---

ou de língua, costumes, nacionalidade etc., e que, por essa razão, não tem os mesmos direitos e/ou as mesmas oportunidades que o grupo majoritário, ou é alvo de discriminação ou preconceito.

à seção VIII, o leitor se depara com o cuidado às doenças crônicas não transmissíveis (como problemas cardiovasculares e neoplasias malignas, por exemplo), as afecções anorretais, as infecções sexualmente transmissíveis (entre elas, o HIV), as questões de saúde mental (como depressão, ansiedade, uso e dependência de substâncias) e os cuidados com o uso da internet e das redes sociais.

As três últimas seções tratam de: modificações corporais (seção IX), que envolvem hormonização, procedimentos cirúrgicos de redesignação, atendimento multiprofissional às pessoas trans; bioética, os direitos das pessoas LGBTQIAPN+ e o ensino da saúde, atentando para a formação de profissionais capazes de lidar com a diversidade (tudo isso na seção X); e habilidades e atitudes profissionais necessárias à realização de um bom trabalho quando o assunto é o cuidado à saúde LGBTQIAPN+ (seção XI). Para tanto, discutem-se as Diretrizes Curriculares Nacionais das profissões da saúde e apresentam-se os conceitos básicos sobre sexualidade, bem como a história da população LGBTQIAPN+ no Brasil e no mundo.

Aborda-se, portanto, de que maneira a sexualidade, o gênero, a identidade e o corpo, enquanto frutos da cultura, são construídos socialmente. Também se discutem as ligações entre as religiões e a diversidade sexual e de gênero, o papel dos profissionais e dos futuros profissionais de saúde no atendimento às pessoas LGBTQIA+, e as interfaces entre as múltiplas formas de opressão que recaem sobre tais indivíduos.

Quanto a esse último quesito, Borret *et al.* (2021) fazem alusão ao termo “interseccionalidade”, que explica como os diferentes marcadores sociais da diferença (raça e classe social, por exemplo) podem agir simultaneamente, promovendo múltiplas formas de sujeição impostas à população LGBTQIA+.

Não são deixados de lado os idosos e outros grupos populacionais em situação específica de vulnerabilidade, como pessoas com deficiência, profissionais do sexo, indivíduos privados de liberdade e imigrantes e refugiados. “Pessoas LGBTQIA+ com deficiência, moradores de região não urbana, em situação de rua, profissionais do sexo, pessoas em privação de liberdade, imigrantes e refugiados vivenciam dupla situação de vulnerabilização e de estresse de minorias” (Oliveira *et al.*, 2021, p. 270).

De cunho técnico e didático, *Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar* aborda o ensino médico, debatendo, entre outras questões, a discriminação contra pacientes LGBTQIA+ presenciada por acadêmicos de medicina durante o curso. E ressalta-se que “Apesar de a maioria dos docentes abordar a sexualidade em algum momento de curso, menos da metade a aborda de forma não normativa” (Raimondi *et al.*, 2021, p. 513). Com base nisso, Raimondi *et al.* (2021) defendem a tese de que professores e demais profissionais LGBTQIA+ que se sentirem em condições de declarar publicamente sua orientação sexual e/ou identidade de gênero servirão de referência aos estudantes, contribuindo para a promoção da diversidade e demonstrando que o ambiente acadêmico pode ser acolhedor, tolerante e plural.

Apesar da ampla discussão travada ao redor do ensino, que envolve aspectos da graduação e da pós-graduação médicas, predominam, no capítulo 60 (“Ensino da saúde de diversidades sexuais”), elementos teóricos que propõem mudanças curriculares capazes de elevar a saúde LGBTQIA+ à condição de assunto-chave na formação dos médicos, sem adentrar a concretude dos métodos a serem empregados para tanto. Teriam as metodologias ativas um papel importante aqui?

Mencionam-se situações da prática diária, nas quais autores e editores do livro abordam experiências vividas em cursos de graduação e propõem possíveis abordagens para cada caso, mas faltam mais demonstrações palpáveis de como estudantes preocupados com a diversidade podem ser forjados. Estimular a criação de unidades curriculares transdisciplinares relacionadas à temática de gênero e sexualidade, à diversidade e aos direitos humanos é importante? Sim. Ampliar o contingente de docentes, técnicos administrativos e demais funcionários LGBTQIA+ é parte crucial da engrenagem? Igualmente, sim.

Todavia, é necessário ir além para revelar como tudo isso pode ser integrado ao contato direto, envolvendo estudantes de graduação e pós-graduação, bem como pacientes/usuários do sistema de saúde. Faltou à obra mostrar, de forma mais detalhada, como operacionalizar as propostas de ação para promover o ensino sobre saúde LGBTQIA+. Cabe ao livro responder à questão de como atingir a práxis, ou seja, de que maneira pode-se unir a teoria à prática, visando à transformação da realidade?

Seria realizar simulações de atendimento nas quais alunos entrevistam e realizam a anamnese de atores LGBTQIA+ que interpretam pacientes em circunstâncias variadas? Essa tem sido uma das possibilidades encontradas pelas escolas médicas, que introduzem a simulação com atores nas mais variadas disciplinas, desde a Propedêutica à Medicina de Família e Comunidade.

No capítulo 21 (“Anamnese e exame físico: comunicação afirmativa”), define-se o contexto afirmativo como aquele que torna natural a abordagem das questões relativas à identidade de gênero e à orientação sexual, as quais devem fazer parte da conversa com todas as pessoas. Aqui, a obra trata da linguagem a ser empregada na anamnese sexual, ressaltando palavras e termos a serem evitados ou abolidos na entrevista com os pacientes. Por exemplo, sugere-se usar “mulher cis” ou “homem cis” em lugar de “mulher biológica/mulher de verdade” ou “homem biológico/homem de verdade”. Para isso, utiliza-se um caso clínico. A partir dele, discute-se como se deu o atendimento de uma médica a um homem trans de 17 anos, analisando os pontos positivos e negativos do encontro, propondo uma reflexão sobre erros comuns na coleta da história clínica e ponderando como evitá-los.

O tratado poderia explorar mais esse recurso, o emprego de casos clínicos e de situações-problema, mostrando como utilizá-los na prática. No capítulo 21, em vez de indicar materiais complementares, como o livro *Comunicação clínica: aperfeiçoando os encontros em saúde*, de 2021, ou o vídeo “Cuál es la diferencia”, de 2014, a obra poderia, por si só, revelar como o tema “saúde LGBTQIAPN+” pode ser incorporado à prática dos estudantes.

Outro assunto não explorado é o “currículo oculto”, conjunto de ensinamentos e aprendizagens que ocorrem de forma implícita, ou seja, nas entrelinhas das relações que se estabelecem no ambiente acadêmico. É importante pensar no currículo oculto como forma de avaliar a educação, já que ele pode influenciar mais o processo de ensino-aprendizagem do que o próprio currículo formal, descortinando um processo educacional muitas vezes vinculado à reprodução de uma ordem social baseada em padrões que tentam normalizar corpos, comportamentos, experiências sexuais e identidades. Nota-se no livro a ausência de uma discussão que aborde essa aresta da formação médica.

## Considerações finais

Segundo o art. 5º da seção I (“Na Atenção à Saúde”) das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina,

[...] o graduando será formado para considerar sempre as dimensões da diversidade biológica, subjetiva, étnico-racial, de gênero, orientação sexual, socioeconômica, política, ambiental, cultural, ética e demais aspectos que compõem o espectro da diversidade humana que singularizam cada pessoa ou cada grupo social (Brasil, 2014, p. 1-2).

Entretanto, a realidade impõe, e dados como os apresentados a seguir demonstram que ainda há um longo caminho a ser percorrido:

Em relação ao total dos dados, é interessante notar que o nível mínimo de preconceito foi de 69% (item “as mulheres masculinas não me deixam à vontade”) enquanto o máximo foi de 89% (item “Eu acho que as mulheres lésbicas são nojentas”), 74,9% dos estudantes concordam que o sexo entre dois homens é errado, 83,9% sentem aversão por homens gays, 83,9% acreditam que a homossexualidade masculina é uma perversão, 80,9% afirmam que o sexo entre duas mulheres é totalmente errado, 83,9% afirmam que as meninas masculinas deveriam receber tratamento (Moretti-Pires *et al.*, 2019, p. 571).

Considerando que o Brasil segue como terreno fértil para a violência contra pessoas trans,<sup>3</sup> algumas informações são relevantes quando o assunto envolve a formação de profissionais de saúde e o atendimento de indivíduos LGBTQIAPN+<sup>4</sup>:

No que concerne à temática da transexualidade, 85,4% de estudantes que se autodeclararam masculinos e 57,3% das estudantes que se

<sup>3</sup> Segundo o *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024*, da ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais –, 5 homens trans e pessoas trans masculinas foram assassinadas no ano passado. Mais sobre o assunto pode-se ler em Benevides (2024).

<sup>4</sup> É uma sigla que abrange pessoas que são lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer/questionando, intersexo, assexuais/aromânticas/agênero, pan/poli, não binárias e mais. Mais informações acerca do tema em: Comitê de Conduta Ética da Conder. (2024). Obs.: o livro em questão, alvo desta resenha, adota a sigla LGBTQIA+.

autodeclararam femininas registraram aversão aos<sup>5</sup> travestis; 87,1% dos estudantes autodeclarados masculinos e 67,5% das estudantes autodeclaradas femininas afirmaram que os homens que se comportam como mulheres deveriam se envergonhar, e 86,5% dos estudantes autodeclarados masculinos e 76,4% das estudantes autodeclaradas femininas afirmam que mulheres que se veem como homens são anormais. A maioria dos estudantes autodeclarados masculinos (89%) e das estudantes autodeclaradas femininas (71%) afirmaram que as operações de mudança de sexo são moralmente erradas (Moretti-Pires *et al.*, 2019, p. 571-572).

Para Moretti-Pires *et al.* (2019), levando-se em conta que a cis heteronormatividade é um conjunto de regras que condicionam a expressão do gênero de uma pessoa ao sexo biológico dela, e que tal regramento gera a marginalização daqueles que ‘fogem’ dos padrões estabelecidos, ou seja, os que não são heterossexuais nem cisgênero<sup>6</sup>, importante se faz notar como atitudes preconceituosas e discriminatórias afastam lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais dos serviços de saúde.

Nesse sentido, Brito e Raserá (2024) apontam que é fundamental ter em mente que um dos objetivos da graduação médica, a assistência aos mais diversos grupos de pacientes, requer que o ambiente de aprendizagem seja inclusivo e acolhedor para todas(os) as(os) alunas(os) e para as pessoas que atendem. Por isso, tornam-se necessárias publicações como o livro *Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar*<sup>7</sup> (Editora Manole), lançado em 2021, cujos editores são o médico psiquiatra Saulo Vito Ciasca, a médica pediatra Andrea Hercowitz e o médico de família e comunidade Ademir Lopes Junior.

O livro segue realmente o conceito de ‘transdisciplinaridade’, uma vez que

---

<sup>5</sup> É preciso esclarecer que a alusão às travestis deve, sempre, ocorrer no feminino, diferentemente do que se vê nessa citação direta. Pode-se ler sobre isso em: Araujo e Stumpf. (2020).

<sup>6</sup> “Cisgênero” é o termo utilizado para designar aquelas pessoas que não são transgêneros, ou seja, aquelas cujo gênero autoidentidade está na ‘posição aquém’ daquele atribuído compulsoriamente ao nascimento em virtude da morfologia genital externa. Tal definição foi retirada de “Cisgênero” nos discursos feministas: uma palavra “tão defendida; tão atacada; tão pouco entendida”.

<sup>7</sup> Aqui, cabe apontar que o conceito de ‘transdisciplinaridade’ passa por uma interação máxima entre as disciplinas, que colaboram entre si, respeitando suas singularidades. Mais sobre o assunto, incluindo o conceito de ‘interdisciplinaridade’ e a discussão sobre a compartimentalização do conhecimento, pode-se ler em Medeiros (2018).

discute, compreende e lança luz sobre um assunto complexo, a partir de uma abordagem que integra conhecimento de diversas áreas. Para tanto, advoga contra a fragmentação do saber, mas a favor do estabelecimento de conexões entre os diversos campos de estudo.

### Referências

ARAUJO, Adriane Reis de; STUMPF, Ana Lucia. **E-book 1 - Conceitos e Terminologia Básica**. Brasília: BRASIL. Ministério Público do Trabalho. Diretoria de Gestão de Pessoas. Departamento de Desenvolvimento de Pessoas, 2020. Disponível em: <https://share.google/tg6uwA19dONmLW13E>. Acesso em: 13 dez. 2025.

BENEVIDES, Bruna. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**. Brasília, DF: ANTRA, 2025. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BORRET, Rita Helena; *et al.* Vulnerabilidades, interseccionalidades e estresse de minorias. In: CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; LOPES JUNIOR, Ademir. **Saúde LGBTQIA+**: práticas de cuidado transdisciplinar. 1 ed. Santana de Parnaíba, SP: Manole, 2021. cap. 8. p. 59-71.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução n.º 30, de 20 de junho de 2014. Institui diretrizes curriculares nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. **Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2014**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/normas-classificadas-por-assunto/diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRITO, Luana Camargo; RASERA, Emerson Fernando. Educação médica no armário: vivências e formação de estudantes lésbicas, gays e bissexuais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 34, n. e34101, p. 01-21, 2024. 1809-4481. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-7331202434101pt>. Acesso em: 14 abr. 2025.

COMITÊ DE CONDUTA ÉTICA DA CONDER. **Cartilha de orientação 2024**: 28 de junho, dia internacional do orgulho LGBTQIAPN+. Salvador, BA: CONDER, 2024. Disponível em: <https://share.google/51afGk2trKAXv2dVz>. Acesso em: 14 abr. 2025.

MEDEIROS, Alexsandro. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. **Sabedoria Política**, 2018. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/interdisciplinaridade-e-transdisciplinaridade/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; GUADAGNIN, Lucas Ide; TESSER-JÚNIOR, Zeno Carlos; CAMPOS, Dalvan Antonio de; TURATTI, Bárbara Oliveira. Preconceito contra diversidade sexual e de gênero entre estudantes de medicina de 1º ao 8º semestre de um curso da Região Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, RJ**, v. 43, n.1 (Supl. 1), p. 568-578, 2019. 1981-5271. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/dn39DWyg4kQkVJVrYWPeN6K/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2025.

OLIVEIRA, Ivone de *et al.* Abordagem de pessoas LGBTQIA+ em situações específicas de vulnerabilidade. In: CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; LOPES JUNIOR, Ademir. **Saúde LGBTQIA+**: práticas de cuidado transdisciplinar. 1 ed. Santana de Parnaíba, SP: Manole, 2021. cap. 33. p. 270-291.

RAIMONDI, Gustavo Antonio *et al.* Ensino da Saúde de diversidades sexuais. In: CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; LOPES JUNIOR, Ademir. **Saúde LGBTQIA+**: práticas de cuidado transdisciplinar. 1 ed. Santana de Parnaíba, SP: Manole, 2021. cap. 60. p. 513-519.

#### A look at diversity in ‘LGBTQIA+ Health: transdisciplinary care practices’

Abstract: Recognizing plurality and, consequently, the differences that make people unique is essential for building a more just and tolerant society. And this social transformation obviously involves health services and care for LGBTQIA+ people. In ‘LGBTQIA+ Health: Transdisciplinary Care Practices’, aspects of comprehensive health care for the LGBTQIA+ population are discussed, such as anamnesis and physical examination, family approach, sexual and reproductive health, mental health, gender transition and medical education. The book addresses relevant topics to this population group, establishing connections with culture, law, bioethics and religion.

Keywords: Transdisciplinary care. Diversity. LGBTQIA+ health.

**Recebido: 07/05/2025**

**Aceito: 20/02/2026**